

REVISITANDO O CURRÍCULO DA EJA: OUTROS TEMPOS, CAMINHOS POSSÍVEIS, TESSITURAS NECESSÁRIAS

Fabíola Maria Dantas⁷⁹
UERN/POSEDUC
fabioladantas@alu.uern.br

Francisco Canindé da Silva⁸⁰
UERN/POSEDUC
canindesilva@uern.br

Palavras-Chave: Pandemia. Currículo. Educação de Jovens e Adultos.

INTRODUÇÃO

O objetivo do Relato de Experiência em tela, é o de debater os currículos *pensadospraticados*⁸¹ na Educação de Jovens e Adultos em tempos pandêmicos na jurisdição da Décima Regional de Educação, Cultura e Desportos (10ª DIREC), sediada em Caicó/RN, refletindo o cenário educacional atual, que assola as etapas e modalidades de ensino da Educação Básica.

As reflexões trazidas neste resumo ampliado se ancoram nos pensamentos de teóricos como Freire (2019), Certeau (2014) e Morin (2013) que contribuem no trilhar de caminhos possíveis e nas tessituras necessárias para o enfrentamento dos desafios que se apresentam diariamente aos estudantes e professores da EJA em contextos de pandemia da COVID-19. A busca pelos estudantes em processo de evasão ou abandono escolar, causados pela ausência de

⁷⁹ Pedagoga/UFRN, mestranda em Educação/UERN, Assessora Pedagógica/EJA 10ª DIREC, Idealizadora do Programa EJA EM AÇÃO.

⁸⁰ Doutor em Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação - Poseduc da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

⁸¹ Termo utilizado por Nilda Alves, como forma de superação de algumas dicotomias e fragmentações. GARCIA e OLIVEIRA (2015)

aparato tecnológico; o reinventar de práticas pedagógicas cotidianas em tempos de ensino remoto/virtual e o desejo da continuidade dos processos educacionais, nos interpela, nessa experiência, o quanto ainda temos a aprender como educadores, o que constitui parte desse trabalho.

DESENVOLVIMENTO

Nesses tempos de afastamento físico, causado pela pandemia da Covid-19, os olhos se voltaram às práticas e fazeres cotidianos da/na escola. Não restam dúvidas que foi preciso reinventar os contextos escolares e profissionais, em meio às múltiplas crises sociais, econômicas, ambientais e políticas, para que os currículos fossem reinventados no contexto da crise e os estudantes da EJA não tivessem mais uma vez, interdito o seu processo de aprendizagem acadêmica.

A prática do ensino remoto/virtual passou a ser uma prática desafiadora e constante nas relações pedagógicas das escolas, desde o aprendizado tecnológico das ferramentas a seu uso e domínio. Professores de EJA desafiados por essa outra realidade – de possível abandono – investiram intensamente em processos criativos para que o fenômeno tão recorrente nesta modalidade não voltasse a ser um interdito para estas pessoas.

A resistência imbricada no fazer pedagógico (remoto/virtual) atendeu à diversidade de discursos que denunciaram direitos violados, já que o ensino remoto não se mostra acessível a todos e todas que precisam continuar suas trajetórias estudantis. Não obstante, nos é caro indagar: mas o ensino presencial o era? Ora, por mais que a legislação educacional vigente no Brasil afirme garantir a entrada e permanência do estudante da EJA no sistema de ensino, não constatamos, em sua totalidade, a viabilidade de condições necessárias ao ingresso, nem tampouco a tão falada garantia da continuidade dos estudos para todos e todas. É perceptível a realidade injusta e desigual que se intensificou nesses tempos, reforçando os ciclos de negação da escolarização dos mais pobres por gerações, restando, a eles, a informalidade, o subemprego e a opressão.

Não é de hoje a preocupação e urgência em saber como a escola pública tem ofertado a educação para as classes populares. Pesquisadores e profissionais da educação alertam para a análise curricular como um pilar essencial a ser refletido, problematizado e tecido, no coletivo da escola, de forma dialógica e cooperativa, no intuito de obter respostas compatíveis com o

que se espera que essas pessoas, jovens, adultas e idosas, aprendam sem que percam os seus sonhos de vista.

Entendendo o currículo como campo de lutas, tensões e tessituras de saberes-fazer cotidianos, a problemática do ensino remoto e das aulas virtuais atravessa necessariamente as questões de como ensinar, o que ensinar e para quem ensinar, num tempo em que boa parte das atividades sociais estão em suspensão e a curva para se aprender é outra, tanto para os educandos como para os professores da EJA.

O desafio posto exigiu-nos a busca por caminhos de superação das dificuldades, alcançando os estudantes da EJA e deslocando o espaço presencial escolar para um campo ainda estranho as nossas capacidades docentes. Considerando a modalidade muito peculiar, cada escola ainda afunilava mais suas possibilidades, pesquisando o perfil dos estudantes, ouvindo-os, e tecendo estratégias para atendê-los.

Partindo da experiência vivenciada na/pela 10ª Diretoria Regional de Ensino, Cultura e Desportos, onde atendemos 19 escolas que ofertam a EJA, destacamos a iniciativa do programa radiofônico EJA EM AÇÃO, como uma ação curricular concreta, necessária e viável ao tempo pandêmico.

Adotando o planejamento colaborativo entre os professores por áreas de conhecimento e inspirados nos círculos de cultura freireanos e na prática radiofônica do Movimento de Educação e Base (MEB), o programa viabiliza um espaço próprio para que aconteça a educação popular, aproximando os diferentes tipos de conhecimentos daquele propagados pelos distintos grupos sociais, de maneira horizontal. O protagonismo do homem ordinário, na concepção ceceuniana, tem espaço nessa tessitura, no planejamento e na prática curricular no programa de rádio.

Mas esta não foi a única estratégia, nem poderia, em função da diversidade de saberes e sabores, revelada pelos estudantes da EJA. Aqui, fazemos mais uma reflexão em relação às escolas que não aderiram ao programa de rádio, sob a justificativa que os estudantes ansiavam por aula presencial, expressa pela administração de conteúdo, com finalidade de notas e tudo mais que o formato prescreve. Relataram que, mesmo com um tom “persuasivo”, não convenceram à proposta, recorrendo à produção de apostilas com datas específicas para entrega de atividades.

É importante frisar que os estudantes da EJA, raramente, não tiveram experiências escolares, portanto a escola que conhecem possui essa rotina, ou seja: aula só é aula se acompanhar esse ritual, culminado pela avaliação e o julgamento de aprovação ou reprovação no fim da jornada letiva, pois é isso que valerá seus esforços pós itinerários de trabalho e jornada doméstica; caso contrário, não é aula.

De acordo com a descrição, buscamos como alternativa a formação continuada dos professores e estamos no processo, aprendendo como nos ensina Freire (2019) a “ser mais”, enfrentando a cada dia o que Morin (2013, p. 09) preconiza: “As crises geram incertezas, favorecem questionamentos; pode estimular a busca de novas soluções e também provocar reações patológicas”.

CONCLUSÕES

O ano de 2021 apresenta novos recomeços, acordos, buscas e alternativas apoiadas nas experiências pedagógicas cotidianas vivenciadas no ano de 2020. As estratégias estão se alterando em função das emergentes necessidades dos estudantes e dos professores, colocando novamente o currículo no centro do debate, ou seja: o quê, como e para quê ensinar considerando esse contexto de pandemia? Os caminhos são reavaliados durante o percurso, no movimento da ação-reflexão-ação, na busca por coerência no saber-fazer pedagógico cotidianos.

O programa radiofônico recomeçará e outros projetos se iniciarão, as equipes de professores se engajarão nessa jornada e percursos viáveis serão trilhados, tecendo os currículos necessários e possíveis esses outros tempos. Resta-nos, continuar lutando de maneira solidária, cooperativa e humanitária para enfrentarmos novos e velhos desafios postos à EJA.

REFERÊNCIAS

- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 71 ed. Rio de Janeiro/São Paulo. Paz e Terra: 2019.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22 ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- GARCIA, Alexandra; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Nilda Alves, praticantepensante de cotidianos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

MORIN, Edgar; VIVERET, Patrick. **Como viver em tempo e crise?** Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.